

A mulher na história do Design de Ambientes e Interiores: resgate da atuação feminina na virada do Século XX

Alessandra Santos Lima da Cunha

Universidade do Estado de Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/4008454869007166>
alesantosw@gmail.com

Marcelina das Graças de Almeida

Universidade do Estado de Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/6813138729924319>
marcelina.almeida@uemg.br

Juliana de Oliveira Rocha Franco

Universidade do Estado de Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/7531722640128367>
julianarochafranco@gmail.com

Rosemary do Bom Conselho Sales

Universidade do Estado de Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/4540538886308862>
rosemary.sales@uemg.br

Resumo

O artigo discute a importância da figura feminina na história do Design de Ambientes/Interiores sob a ótica da alteridade. Tal conceito engloba a compreensão do lugar do outro sob a perspectiva de si mesmo. Busca-se com isso, romper paradigmas onde a figura masculina é realçada em relatos e contribuições da área. Para tanto, são analisadas mulheres pioneiras da decoração, Elsie de Wolfe, Rhoda Garrett, Agnes Garrett e Turquinha Muniz de Souza. A investigação aborda o papel dessas mulheres entre o final do século XIX e início do XX. Período marcado pela inserção feminina no mercado de trabalho. Foram levantadas informações de três cenários distintos, o norte-americano, o europeu e o brasileiro. Também foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre alteridade. Como resultado, identificou-se fatores que contribuíram para a transição da mulher da esfera privada (doméstica) para a pública (trabalho) inserindo a mulher em seu contexto social.

Palavras-chave

Design de Ambientes/Interiores; alteridade; atuação feminina; panorama histórico.

Women in the history of interior design: a look back at women's work at the turn of the 20th century

Abstract

The article discusses the importance of the female figure in the history of interior/environmental design from the perspective of alterity. This concept encompasses understanding the place of the other from the perspective of oneself. The aim is to break paradigms in which the male figure is emphasised in reports and contributions to the field. To this end, pioneering women in decoration, Elsie de Wolfe, Rhoda Garrett, Agnes Garrett and Turquinha Muniz de Souza, are analysed. The investigation looks at the role of these women between the end of the 19th century and the beginning of the 20th. A period marked by women's entry into the labour market. Information was gathered from three different scenarios: North American, European and Brazilian. Bibliographical research was also carried out on alterity. As a result, factors were identified that contributed to women's transition from the private sphere (domestic) to the public sphere (labour), placing them in their social context.

Keywords

Environmental design; alterity; female performance; historical panorama.

1. Introdução

Nas últimas décadas, as pesquisas sobre a participação das mulheres nas diversas áreas do conhecimento, e em especial no Design de Ambientes/Interiores, têm despertado interesse acadêmico. Algumas pesquisas podem ser elencadas, como o trabalho de Safar e Almeida (2014), Stephan (2015), Safar e Dias (2016), Alencar e Almeida (2020), Romano *et al.* (2020) e Cresto e França (2024). Do ponto de vista da história tradicional, a mulher tem sido considerada um ser frágil, irracional e inferior, o que resultou em sua invisibilidade no mercado de trabalho. Seu papel sempre esteve associado a uma área nebulosa da história das profissões, fortemente influenciada pela narrativa dos historiadores que determinavam quais contribuições deveriam ser registradas ou omitidas (Cresto; França, 2024). Essa visão, enraizada em fatores culturais, foi sustentada por sistemas patriarcais que estruturam a organização familiar e social, onde o homem ocupou posições privilegiadas exercendo o poder sobre os demais membros da família. Esse modelo reforça uma hierarquia onde a masculinidade assegura ao homem dominação e autoridade sobre a mulher (Colling; Tedeschi, 2019; Silva *et al.*, 2025).

Assim, as mulheres tiveram um papel secundário nos registros históricos do design, sendo, portanto, importante, resgatar o contexto da sua inserção, identificando o período em que passou a ocupar a esfera pública e deixou de se restringir ao ambiente doméstico reconhecido, na época, como tipicamente masculino. Diante desse cenário, torna-se relevante discutir o papel da figura das mulheres na história do Design de Ambientes/Interiores sob a ótica da alteridade (Campos; Ferreira; Ferreira, 2024). Pretende-se com isso, compreender a alteridade como uma abordagem relevante para a valorização da diversidade, possibilitando ressignificar o papel das mulheres no Design de Ambientes/Interiores, reconhecendo suas contribuições e reconfigurando narrativas que historicamente as mantiveram à margem.

Para tanto, foi realizado um levantamento histórico sobre a mulheres pioneiras no campo da decoração no final do século XIX e início do século XX, período compreendido como sendo a sua inserção no mercado de trabalho. Nesse contexto, a área da decoração emergia como uma extensão das atividades domésticas, sendo difícil apontar quais as principais mulheres que realmente influenciaram esse processo. Dessa forma, definiu-se para este estudo, três cenários: o norte-americano, o europeu e o brasileiro, para analisar o contexto social a partir do destaque das figuras femininas que se sobressaíram na área no referido período, destacando-se Elsie de Wolfe (1865-1950), Rhoda Garrett (1841-1882), Agnes Garrett (1835-1945) e Turquinha Muniz de Souza (1921-1998). Buscou-se com esse estudo ampliar o conhecimento sobre a história da mulher no cenário nacional e internacional da decoração e do Design de Ambientes/Interiores, explorando o conceito de alteridade em relação ao tema. Pretende-se incentivar com este estudo novas pesquisas que resgatem e registrem a relevância da participação feminina no mercado de trabalho, em especial no Design de Ambientes/Interiores, sob a ótica da alteridade, compreendendo o lugar do outro por uma visão crítica e reflexiva. Para tanto, o artigo foi estruturado em tópicos, abordando desde a inserção feminina na esfera pública e no campo da decoração, até sua atuação no Design no Brasil. Explorou-se desafios e influências, também foram discutidos o pioneirismo feminino na Grã-Bretanha, o papel das decoradoras na classe média-alta norte-americana e os impactos do conceito de alteridade na construção dessa trajetória. Ao final, são apresentadas as conclusões sobre a importância do resgate histórico da participação feminina no setor.

2. Alteridade, importância de pensar a mulher na história do design

Para desconstruir o paradigma de que por tradição a sociedade privilegia figuras masculinas nos relatos e contribuições do design, torna-se relevante compreender a alteridade como um princípio básico do relacionamento humano. Na etimologia da palavra a alteridade tem origem do latim *alter*,

que significa “outro”, esse conceito busca justamente que o sujeito se coloque no lugar do outro para perceber esse outro por uma perspectiva que vai além de si mesmo. Dessa forma, torna-se relevante discutir esse conceito, ressaltando sua influência na resignificação do papel feminino no campo do design e na valorização de suas contribuições ao longo do tempo. Enquanto fenômeno universal, a percepção do outro remonta aos primórdios das sociedades humanas, que, ao estabelecerem relações entre si, passaram a reconhecer e diferenciar aquilo que não lhes é familiar. Como consequência dessa interação, emerge a consciência da alteridade, ou seja, a percepção do outro como distinto de si mesmo (Montero, 1997).

Até o século XVIII, a concepção da sexualidade feminina e masculina, tal como compreendida na contemporaneidade, não existia. O corpo masculino e o feminino eram vistos como variações de um mesmo princípio biológico, reflexo das leis naturais herdadas da Grécia antiga. Dentro dessa perspectiva, a mulher foi historicamente interpretada como inferior e desprovida da força vital, mais especificamente, como um ser invertido, considerando que seus órgãos sexuais eram percebidos como correspondentes aos masculinos, porém voltados para o interior do corpo (Senem; Caramaschi, 2017). Somente a partir do século XIX, com a chegada da sociedade moderna, o termo sexualidade passou a ser delimitado conceitualmente. Um novo conceito surge em oposição ao do sexo biológico único surgindo o *two-sex-model*, onde “passa-se a considerar a existência de dois sexos, contrariamente à percepção herdada dos gregos, de que haveria apenas um sexo biológico, enquanto o gênero se apresentaria pelo menos em duas possibilidades” (Rohden, 1998, p. 128). Com essa ideia, a mulher passa a ser vista como uma figura complementar ao homem e não mais uma diferenciação do mesmo, mas as consequências morais ainda permanecem, pois elas continuavam a serem vistas como um ser incompleto ou inferior em relação aos homens (Silva, 2000).

Ao analisar a perspectiva da mulher na história do Design, sob a ótica da alteridade, percebe-se que o julgamento de valor está mais próximo de classificar a mulher como inferior, em relação ao homem, e de segregá-la do âmbito profissional e da esfera pública, espaço destinado apenas às figuras masculinas até poucos séculos atrás (Sá; Maass, 2019). No campo do Design, as pesquisas históricas são numerosas, porém, muitas delas suprimem importantes fatos e acontecimentos ligados à figura feminina, ou, ainda, não dão o devido reconhecimento ao seu trabalho. Isso acontece, em especial, porque a visão do que é importante para determinada época torna-se subjetiva e depende da abordagem do historiador que se dispõem a selecionar e registrar os acontecimentos de uma determinada sociedade conforme apontado por Cardoso (2000):

Ao longo de muitos anos, décadas e séculos, então, os ‘fatos’ podem ter o seu sentido inteiramente desvirtuado de acordo com a versão contada [...]. Com a retrospectiva, acontecimentos inicialmente negligenciados podem assumir uma importância enorme [...]. Portanto, a ação de escrever a história envolve necessariamente um processo de seleção de fatos e de avaliação da sua importância (Cardoso, 2000, p. 13).

Com um vasto leque de conteúdos para serem selecionados e publicados, é compreensível que alguns pontos importantes sejam omitidos ou suprimidos da história do Design. Porém, ao se pensar sobre as mulheres no campo do Design, percebe-se que ainda existe um número limitado de material que relate a respeito das principais contribuições e iniciativas realizadas por mulheres ao longo da história do design. Nesse sentido, entende-se que a dificuldade de acessar informações a respeito da figura feminina na história do design também está relacionada às características das sociedades antecessoras e também nas atuais, que são marcadas pelo patriarcado, conforme afirmam Safar e Almeida (2014):

Autores como: Buckley (1989; 1999), Gravier (2009) e Campi (2010), entre outros, constatarem que as ações femininas no passado e no presente no campo do design constituem um conhecimento raro e marginal, uma vez que houve grande omissão da literatura especializada em virtude do uso de métodos historiográficos que envolvem a seleção, classificação e priorização de tipos de design, categorias de designers e dos diferentes modos de produção com base na estrutura patriarcal e capitalista da sociedade (Safar; Almeida, 2014, p. 82).

Dentro desse cenário de patriarcado, existiu por longas décadas uma estrutura de dominação, que se baseou no estabelecimento de vínculos entre um senhor e os demais membros da família e/ou servos. Nesse sistema, a autoridade reside no chefe da família ou da comunidade e é passada de homem para homem por tradição (Lima, 2017). Assim, todos os outros membros dessa comunidade ou família são subordinados a essa figura masculina, inclusive a mulher (Rezende, 2015). Logo, percebe-se que essa estrutura social contribuiu fortemente para a desigualdade de gênero e que em muitas esferas ainda presenciamos na sociedade atual.

Dessa forma, a compreensão da alteridade no campo da decoração e do design mostra como a percepção do "outro" influenciou a valorização da participação feminina na área ao longo dos tempos. As mulheres começaram a se inserir profissionalmente no campo da decoração, desafiando normas sociais que as mantinham restritas ao espaço doméstico. Contudo, a historiografia tradicional frequentemente apagou ou minimizou suas contribuições, reforçando narrativas centradas em figuras masculinas. Ao adotar a alteridade como princípio de análise, torna-se possível ressignificar o papel das mulheres na história do design, reconhecendo suas inovações e sua influência na construção de espaços que atendem às necessidades sociais e estéticas de diferentes épocas. Assim, o estudo, sob a ótica da alteridade, não apenas resgata a relevância feminina na área, mas também abre espaço para uma abordagem mais inclusiva e diversa no presente e no futuro.

3. Inserção feminina no campo da decoração no Século XIX

A inserção feminina no campo da decoração no século XIX aconteceu em meio a uma sociedade que restringia as possibilidades profissionais das mulheres, limitando-as ao espaço doméstico. Era comum, nessa época, que as jovens não tivessem um preparo educacional significativo para atuarem profissionalmente. Os pais de famílias de classe média/alta desejavam para suas filhas o casamento, filhos e que aprendessem atividades do lar. Dessa forma, o ato de construir uma profissão se tornava uma atitude corajosa e desafiadora para as mulheres da época. Muitas delas corriam, inclusive, o risco de ter sua notoriedade ou seu *status* social comprometido. Segundo Garret (2018), elas teriam que romper com os padrões esperados para as mulheres: se casar, ter filhos e cuidar da casa. Como resultado, houve um aumento no número de mulheres da classe média/alta que passaram a buscar oportunidades de trabalho fora do lar. Assim, em meados de 1870, surge na Grã-Bretanha a profissionalização da decoração de interiores (Martin; Sparke, 2003).

[...] a decoradora de interiores começou a ocupar um meio-termo, mantendo seu compromisso com os laços culturais entre domesticidade e feminilidade, mas operando fora de casa no contexto do 'masculino', esfera pública de trabalho definida como profissional e não amadora (Martin; Sparke, 2003, p. 440).

De acordo com os autores, sob a perspectiva da história, pode ser considerado como um marco da entrada da figura feminina na esfera pública, anteriormente considerada como um espaço exclusivamente masculino. Nesse contexto, três pontos podem ser destacados (i) a absorção da figura feminina no âmbito público, (ii) o desejo da mulher de se alinhar ao racionalismo do mundo do trabalho da produção industrial e (iii) a renúncia da própria mulher da responsabilidade exclusiva

doméstica. Essa ruptura, mesmo que ainda muito incipiente, pode ser considerada uma mudança na forma de se pensar durante a virada do século.

[...] de uma perspectiva histórica do design, o trabalho das decoradoras de interiores, profissionais do sexo feminino, na época pode ser visto como uma representação da mudança estilística do historicismo do século XIX para o modernismo arquitetônico e do design do século XX (Martin; Sparke, 2003, p. 45).

Essa mudança de modelo, passou a alinhar a profissão de decoradora a uma perspectiva cada vez mais associada ao estereótipo masculino, que estava relacionado ao racionalismo e ao avanço tecnológico, do que ao mundo feminino, inserido no contexto doméstico. Como uma atividade pioneira, as decoradoras de interiores foram então introduzidas no mundo do trabalho no século XX, trazendo um papel ativo e pioneiro, seja como profissionais seja como amadoras na construção de um mundo mais moderno (Martin; Sparke, 2003).

4. Inserção feminina na esfera pública, desafios no Século XX

No contexto das desigualdades sociais, diferentes pensadores, entre eles Hannah Arendt (2020) e Michel Foucault (2014), abordam a inserção do indivíduo em duas esferas distintas: a pública e a privada. Essas esferas representavam, respectivamente, o espaço de participação política e social no âmbito reservado às relações pessoais e domésticas. Segundo Arendt (2020) essas abordagens foram importantes para a compreensão das dinâmicas de poder e exclusão ao longo da história. Enquanto Foucault (2014) esclarece como as normas sociais e instituições moldam comportamentos e limitam a participação feminina em espaços públicos, além de mostrar como as políticas e discursos influenciam a construção da identidade.

Assim, o lugar do homem na sociedade se mostrava claramente na esfera pública, “[...] cabe ao homem lidar com a vida em seu ambiente público, realizando tarefas que condizem com sua masculinidade e, estando centrado no exercício de sua racionalidade como se a conjectura feminina fosse desprovida de razão” (Melo *et al.* 2017). Por outro lado, a mulher esteve sempre restrita à esfera privada, onde ela foi desprovida de seu posicionamento social e político, além de se dedicar exclusivamente as tarefas domésticas e afazeres do lar. A inserção feminina na esfera pública, representou uma ruptura significativa com o regime patriarcal que historicamente restringia as mulheres ao ambiente doméstico. Elas passaram, então, a atuar profissionalmente nesse espaço, anteriormente dominado apenas por homens e foram, assim, consolidando seu lugar como decoradoras. Esse período além de marcar a presença feminina no mercado de trabalho, impulsionou mudanças sociais e econômicas significativas que ampliaram as oportunidades para sua participação ativa na esfera pública.

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Segunda (1939-1945), ocorridas no século XX, houve a entrada das mulheres no setor industrial e fabril, principalmente em decorrência de muitos homens estarem nos campos de batalha. Isso abriu espaço para que as mulheres assumissem funções importantes na produção de armamentos, veículos e suprimentos. Esse período foi marcado por uma grande transformação social e econômica, o que contribuiu para a luta por direitos trabalhistas e igualdade de gênero nas décadas seguintes. Outro fator relevante para o período foi o nível de escolaridade das mulheres, a formação era limitada, uma vez que menos de 20% dos jovens entre 18 e 24 anos estavam matriculados em instituições de ensino superior, e apenas um terço dele era composto por mulheres (Yellen, 2020). As que tinham melhores oportunidades de estudo eram as mulheres de classe média/alta, o que lhes possibilitava ingressar em algumas áreas de trabalho, sobretudo em profissões como secretária, enfermeira e professora, que exigiam um certo nível de escolaridade.

Apesar das mulheres já atuarem em alguns setores, a concepção de que deveriam permanecer afastadas da esfera pública ainda permanecia enraizada. Diante desse cenário, torna-se importante refletir sobre o papel da mulher na sociedade e os desafios inerentes à busca pela igualdade de gênero. Nos Estados Unidos, o direito ao voto feminino só foi conquistado na década de 1920, enquanto no Brasil esse fato só aconteceu mais de uma década depois, em 1932 (Limongi; Oliveira; Schmitt, 2020). Enquanto no hemisfério Norte, houve um crescimento da participação feminina no mercado de trabalho, no Brasil esse movimento só foi acontecer bem mais tarde na década de 1950, conforme aponta Stephan (2015).

Na decoração, a inserção da mulher aconteceu de forma mais discreta, visto que elas já desempenhavam um papel na organização e estética dos lares. Com o passar dos anos, essa habilidade passou a ser reconhecida como profissão, permitindo que as mulheres atuassem como decoradoras consolidando sua presença no mercado de trabalho. Segundo Yellen (2020), nos Estados Unidos, as mulheres que trabalhavam eram, em sua maioria, jovens e solteiras e apenas cerca de 20% dessas mulheres possuía emprego com remuneração. Contudo, após o casamento, a maioria delas abandonava a atividade, esse fato reflete a influências das normas culturais da época, pois não ofereciam suporte para essas mulheres casadas para permanecerem no mercado de trabalho.

Outros questionamentos importantes também emergiram nesse cenário, como por exemplo: o que motivava essas mulheres a ingressar no mercado de trabalho? Havia interesse financeiro? Elas estavam apoiadas pelas famílias? Quais grupos de mulheres participavam dessa ascensão? Apesar de não haver uma resposta concreta para esses questionamentos, eles se fazem presentes para analisarmos o contexto no qual emergem as primeiras decoradoras de interiores (Garret, 2018). Dentre muitas outras mulheres, algumas delas se destacaram na área de decoração, consolidando como referências pioneiras. Entre elas, estão Rhoda Garrett, Agnes Garrett, Elsie de Wolfe e Turquinha Muniz de Souza. Para elucidar esse pensamento, sobre a presença da mulher no mercado de trabalho, abordaremos essas quatro figuras femininas em três cenários distintos: a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e o Brasil.

5. Ascensão da decoração na Grã-Bretanha e o pioneirismo feminino

Percebe-se que, no final do século XIX e no início do século XX, a figura feminina na decoração de interiores se tornava mais presente na Grã-Bretanha, frequentemente associada a uma ideia de independência financeira da mulher e a busca por direitos femininos. A exemplo, cita-se as primas Agnes Garrett e Rhoda Garrett (Figura 1), que foram figuras pioneiras na área de decoração de interiores, desempenhando um papel importante no campo profissional da decoração na Grã-Bretanha. De acordo com a matéria *Women in Conservation: House of Garret do jornal* (The Spab, 2016), Agnes Garrett (1835-1945) nasceu em Suffolk um condado localizado no leste da Inglaterra, em uma família abastada e teve acesso a uma educação privilegiada. Seu pai, Newson Garrett, era um comerciante bem-sucedido, que permitiu que seus filhos estudassem fora. Em 1871, Agnes iniciou um período de aprendizado em arquitetura com Daniel Cottier, e embora tenha recebido pouca instrução de trabalho na área, ela conseguiu acompanhar a prática do arquiteto John McKean Brydon por cerca de 18 meses, o que lhe proporcionou uma formação mais sólida na área.

Rhoda Garrett era filha de um vigário de *Derbyshire* e enfrentou dificuldades financeiras, precisando trabalhar como governanta para sustentar seus irmãos. Sua trajetória educacional foi mais desafiadora, pois, ao contrário de Agnes, não teve o mesmo suporte familiar para investir em estudos formais. No entanto, sua determinação permitiu que ela também ingressasse no aprendizado com o arquiteto John McKean Brydon (1839-1901), consolidando sua formação na área de decoração de interiores. Após esse período de aprendizado, as primas saíram em viagem pelo país decorando interiores de casas e desenhando móveis (Simkin, 1997).



Figura 1: Rhoda Garrett (esquerda) e Agnes Garrett (direita).

Fonte: Garret (2018).

Apesar das diferenças socioeconômicas entre ambas, juntas elas fundaram, em meados de 1874, a empresa *A & R Garrett House Decorators*. Essa foi primeira empresa britânica de decoração de interiores administrada exclusivamente por mulheres. Sua atuação inovadora não apenas desafiou as normas sociais da época, mas também contribuiu para a redefinição da presença das mulheres no mercado de trabalho, consolidando a decoração como uma profissão acessível às mulheres. Desde cedo, Rhoda Garret demonstrava uma inquietação sobre as relações de desigualdade entre homem e mulher, como se observa na seguinte passagem:

[...] embora os pais reconheçam a necessidade de prover capital para seus filhos, parece nunca lhes passar pela cabeça que o mesmo deva ser oferecido às suas filhas. As meninas nunca têm capital, eles mal sabem o que significa, no entanto, sem ele, o primeiro movimento é impossível, eles podem entrar em uma loja, mas não podem possuir uma loja (Garrett, 2018).

Esse pensamento, de que os filhos homens herdavam os bens da família, recebiam educação, enquanto as filhas nada disso conquistavam, parecia ser um pensamento emergente para as primas Garretts, o que possivelmente as motivou a buscar uma carreira em que pudessem ser bem-sucedidas e se manter economicamente. Para essas mulheres, parecia ficar claro que, apesar da condição financeira presente da família, elas não teriam esse apoio a vida inteira, cabendo-lhes então a busca por uma fonte de sustento a longo prazo através do trabalho (Garrett, 2018). É interessante notar também que, essa atitude ousada das primas Garretts incomodava os homens da época, especialmente aos companheiros de profissão, mostrando que o ato de se adotar uma atividade profissional não era uma simples escolha, mas também uma atitude corajosa e de enfrentamento da figura feminina perante a sociedade.

Elas também eram defensoras do sufrágio feminino proeminentes, o que não as agradava a seus competidores masculinos mais violentos. Um designer rival, Lewis F. Day, descartou sua exposição na feira mundial de Paris de 1878 como prova de "quão pouco é o suficiente para satisfazer a ambição das decoradoras femininas" (Rawsthorn, 2016).

O trabalho das primas Garretts como designers de interiores, bem como a publicação do livro *Suggestions for House Decoration in Painting, Woodwork and Furniture* (1876), está atrelado ao desempenho e força de vontade de ambas, em especial, ao se lançarem no mercado de trabalho pelo

puro ímpeto de se sustentarem de forma independente e assumirem uma posição na sociedade. Agnes e Rhoda trabalharam juntas na empresa *A & R Garrett House Decorators* até 1882, quando Rhoda faleceu devido à febre tifoide, deixando um legado marcante para o setor.

Segundo Garret (2018), a relevância dessas pioneiras está, principalmente, em evidenciarem o protagonismo feminino na virada do século. Ao mesmo tempo em que revelam a presença significativa de outras mulheres na construção da história do design e da decoração de interiores:

Pelo menos mais dez mulheres que atuaram como decoradoras de interiores entre 1872 e 1899 eram casadas: Sra. Hartley Brown, Katherine Cooke, Sra. Green, Sra. Innes, Annie Keightley, Mary Masters, Mary Monckton, Sra. Charles Muller, Sra. Frank Oliver e Emmeline Pankhurst [...]. O casamento não significava necessariamente estabilidade financeira, e muitas mulheres casadas ainda precisavam (ou queriam) trabalhar (Garret, 2018. P. 54).

Nesse contexto, percebe-se que, ao final do século XIX, o casamento já não representava uma garantia de estabilidade econômica. A atuação das mulheres no campo profissional, em muitos casos, acontecia por uma necessidade real ou por uma escolha deliberada. De toda forma, desafiava os padrões que pressupunham que a mulher casada não precisaria possuir uma fonte de renda própria. Assim, a presença da mulher no mercado de trabalho expressava não apenas questões materiais, mas também o anseio por autonomia e afirmação em uma sociedade ainda marcada por normas e restrições de gênero.

6. Classe média-alta norte-americana, a mulher decoradora

O período do pós-Guerra Civil Americana (1861-1865) trouxe aos Estados Unidos da América (EUA) uma nova era de reconstrução econômica e social do país (Martin; Sparke, 2003). Após o conflito, os EUA passaram por um período de industrialização acelerada, tornando-se uma potência econômica emergente no final do século XIX. Se antes a guerra civil impunha constantes mudanças de residência, com o fim do conflito as famílias se estabeleceram em moradias de forma definitiva. Ao mesmo tempo, os novos ricos, impulsionados pelo “Boom econômico”, passaram a investir na ostentação de suas casas e no *status* social, especialmente na decoração de interiores das residências.

Nessa época, nos EUA surgia a profissão que seria específica para essa finalidade: a decoradora de interiores, um campo onde Elsie de Wolfe se tornaria uma das pioneiras e mais influentes representantes. Nascida em Nova Iorque, Elsie de Wolfe, também conhecida como Lady Mendl, foi uma das primeiras mulheres a transformar a decoração em uma profissão reconhecida. Inicialmente foi atriz de teatro, onde descobriu sua vocação ao decorar camarins e ambientes cênicos. Inconformada com os interiores escuros e pesados da era vitoriana, ela passou a defender uma estética mais leve, clara e funcional, marcada pelo uso de espelhos, tecidos suaves e mobiliário de inspiração francesa.

O primeiro contato de Elsie de Wolfe (Figura 2), com a área residencial da decoração aconteceu de maneira informal, ao reformar a casa que compartilhava com a agente teatral Elizabeth Marbury (1856-1933). Apesar de não ter sido um trabalho remunerado, essa experiência foi decisiva para sua trajetória na decoração de interiores, pois marcou o início de sua atuação como profissional. Por volta de 1905, ela abandonou os palcos e passou a se dedicar exclusivamente à decoração, tornando-se uma figura influente entre a elite nova-iorquina e europeia.



Figura 2: Elsie de Wolfe.

Fonte: Hardecor¹.

Em 1913, Elsie de Wolfe publicou a obra *The House in Good Taste*, que sistematizou suas ideias e se tornou referência na área. Ao longo de sua carreira, não apenas abriu caminho para outras mulheres na profissão, mas também redefiniu o papel do espaço doméstico como expressão de identidade e bem-estar. Elsie de Wolfe conquistou seu primeiro grande projeto, em Nova Iorque o *Colony Club*, o primeiro clube social feminino localizado na *Madison Avenue*, consolidando, assim, sua reputação como pioneira no design de interiores moderno (Martin; Sparke, 2003). A Figura 3 mostra a sala treliçada *The Trellis Room*, um dos espaços mais icônicos projetados por Elsie de Wolfe. Criada em 1918, essa sala reflete o estilo característico da decoradora, que buscava ambientes mais leves, sofisticados e arejados, em contraste com os interiores pesados da era vitoriana.



Figura 3: A sala treliçada, *Colony Club* em Nova Iorque.

Fonte: IED 2016-2017 Blogspot².

O pensamento sobre relacionar decoração e identidade, aliado a visibilidade dada pelo projeto do *Colony Club*, permitiu que Elsie captasse vários outros projetos, sendo considerada um filtro do *The Good Taste* (o bom gosto), em que as mulheres ricas da época buscavam alcançar para se expressar e

¹ Disponível em: <https://hardecor.com.br/elsie-de-wolfe-uma-decoradora-pioneira/>. Acesso em: 11 de Jun. 2025.

² Disponível em: <http://ied2016-2017-hofid-hdeldi.blogspot.com/2017/03/elsie-de-wolfe-and-colony-club.html>. Acesso em: 11 jun. 2025.

representar a si mesmas nos ambientes. Sendo a maioria dessas mulheres casadas com homens também muito ricos. Assim, Elsie de Wolfe logo se inseriu em um mercado de decoração para as classes mais altas da sociedade (Martin; Sparke, 2003). A convivência com mulheres, que compunham a maior parte de sua rede de contatos, fez com que ela desenvolvesse um profundo interesse pelos valores domésticos e femininos. Seu desejo de compreender melhor as necessidades e perspectivas das mulheres foi um dos pilares de sua abordagem na decoração de interiores, esse olhar sensível e inovador lhe garantiu grande destaque durante a Primeira Guerra Mundial, consolidando sua reputação como uma das principais decoradoras dos Estados Unidos.

O trabalho que ela empreendeu na década entre 1905 e 1915 pode ser visto como o resultado de uma estética feminina operando na fronteira entre as esferas pública e privada e para quem o mundo da cultura feminina era primordial. Seus contatos com mulheres, seu desejo de expressar suas necessidades e desejos por meio de uma compreensão empática delas e sua adoção do que era percebido como uma linguagem visual estereotipada feminina combinaram para torná-la uma peça-chave na evolução de uma resposta feminina à modernidade (Martin; Sparke, 2003, p. 45-46).

Percebe-se que Elsie de Wolfe dedicava especial atenção ao público feminino, desenvolvendo seus projetos de decoração para atender a esse nicho específico do mercado. Como apontam Martin e Sparke (2003, p. 46), “uma das maneiras pelas quais Elsie introduziu a cultura feminina no mundo da decoração de interiores foi por meio da mediação do mundo da moda e da alta costura”. Enquanto a maioria dos arquitetos da época estavam preocupados em decorar os interiores com base no estilo arquitetônico do edifício, Elsie priorizava a identidade das moradoras, valorizando sua personalidade e estilo de vida acima dos elementos decorativos ou das influências arquitetônicas.

Para ela, o vestido da moda não era apenas um marcador de identidade pessoal, mas também um sinal decorativo de status social e riqueza. Ela transferiu essas ideias diretamente para o interior que proporcionou, a seus olhos, um segundo recipiente expressivo, depois do vestido, para o corpo (Martin; Sparke, 2003, p. 46-47).

A filosofia da decoradora norte-americana refletia, sua preocupação real com as mulheres, sua identidade e suas necessidades. Sua abordagem na decoração de interiores seguia uma linha de pensamento centrada no universo feminino, adaptando espaços para atender aos desejos e estilos de vida de suas principais clientes. Conforme apontado por Martin, Sparke (2003) entre as mulheres que confiaram seus ambientes à expertise de Elsie de Wolfe estavam Ethel Crocker (1861-1934) e Sra. Ogden Armour (1896-1976), sócias influentes do *Colony Club* de Nova Iorque.

Assim, no contexto norte-americano do início do século XX, torna-se evidente como a profissão de decoradora de interiores surge para atender à crescente demanda por espaços refinados e sofisticados. As residências passaram a desempenhar um papel central na exibição de riqueza e na representação de identidade e *status* social, especialmente entre a classe alta. Apesar da resistência inicial à entrada das mulheres no mercado de trabalho, Elsie de Wolfe destacou-se ao aliar requinte e sofisticação ao conceito de *The Good Taste*. Além disso, sua capacidade de estabelecer uma ampla rede de conexões com a classe média alta, especialmente entre as mulheres, consolidou seu prestígio e valorizou seu trabalho na decoração de interiores.

7. Inserção feminina no Design de Interiores no Brasil influências e desafios

No Brasil, a influência das mulheres europeias e norte-americanas, que buscavam independência e espaço no mercado de trabalho, só começou a se manifestar de forma significativa a partir da metade do século XX. Embora as mulheres tivessem desempenhado um papel relevante durante a Revolução Industrial, suas oportunidades de atuação profissional permaneciam, em grande parte, restritas a setores tradicionalmente associados às atividades domésticas ou consideradas femininas, como a tecelagem e a costura (Stephan, 2015). Esse contexto reflete as barreiras enfrentadas pelas mulheres brasileiras na busca por reconhecimento e autonomia profissional, tornando ainda mais significativo o impacto das pioneiras que desafiaram esses limites e abriram novos caminhos, como a ascensão da decoração de interiores como profissão e a contribuição de figuras relevantes do cenário brasileiro.

Durante a década de 1950, o Brasil vivenciou um grande crescimento da classe média, impulsionado pela urbanização e pela industrialização. Esse cenário favoreceu o surgimento de novas oportunidades econômicas, profissionais e educacionais. Embora as mulheres ainda estivessem majoritariamente vinculadas ao ambiente doméstico, sua presença no mercado de trabalho tornou-se cada vez mais expressiva (Stephan, 2015). No contexto do design de interiores, os registros históricos indicam que os primeiros decoradores modernistas do século XX no Brasil eram, em sua maioria, homens. Figuras renomadas da arquitetura, como Gregori Warchavchik (1896-1972), John Graz (1891-1980) e Júlio Senna (1914-1988) destacaram-se nesse período e são mencionados na obra *Brasil Porta Adentro*, da Associação Brasileira de Design de Interiores (ABD).

Contudo, com o avanço da participação feminina na sociedade, novas profissionais começaram a ganhar espaço, deixando sua marca na evolução do setor. Dessa forma, as mulheres começam a conquistar destaque por volta da metade do século XX, “a década de 1970 assiste à chegada das mulheres, nem sempre com formação profissional na área, elas começaram na carreira em geral um pouco mais tarde, com os filhos criados e, portanto, mais tempo livre” (Dantas, 2015, p. 200). De acordo com o autor as mulheres que se destacaram nesse período no Brasil foram: Dorothy Draper (1889-1969), Lina Bo Bardi (1914-1992), Turquinha Muniz de Souza (1921-1998), Sylvia Kowarick (1922-2010) e Janete Costa (1932-2008).

Rosa Maria Torres, nasceu no Rio de Janeiro em 1921 e se casou em 1938, adotando o sobrenome do marido, passando a ser conhecida como Turquinha Muniz de Souza. A carioca, era amiga de Lottieri Lotteringhi Della Stufa, um renomado decorador e arquiteto italiano, nascido em Florença, descendente direto de Otto III, imperador do Sacro Império Romano no século X. Com forte influência do renomado Marques, Turquinha Muniz de Souza entrou para a profissão de decoração de interiores por volta de 1972, trazendo consigo sua visão e experiência sobre os cuidados domésticos e, especialmente, sobre a organização da casa (Dantas, 2015).

É interessante ressaltar que Turquinha Muniz de Souza ingressou no mercado da decoração de interiores somente após ficar viúva. Com mais tempo disponível, começou a se dedicar à atividade inicialmente como um *hobby*, auxiliando amigas com sugestões para a ambientação de suas casas. Apesar de seu caminho na profissão ter sido gradual, seu talento e sensibilidade para transformar espaços (Figura 4) fizeram com que ela se destacasse na área. A decoradora carioca permaneceu ativa até o dia de sua morte, em 1998, aos 77 anos, deixando um legado significativo no design de interiores brasileiro (Dantas, 2015).



Figura 4: Desenho de ambiente decorado por Turquinha Muniz de Souza.
Fonte: Dantas (2015), acervo de Gilberto Terra.

Desse modo, podemos concluir que, no Brasil, a presença feminina na decoração de interiores, posteriormente reconhecida como Design de Ambientes e Design de Interiores, ganhou maior visibilidade na segunda metade do século XX. Comparado a países como Grã-Bretanha e Estados Unidos, o ingresso das mulheres brasileiras na profissão aconteceu de maneira mais tardia. No entanto, é possível que muitas mulheres já atuassem na área de decoração anteriormente, sem o devido reconhecimento ou registro histórico, evidenciando a necessidade de resgatar e valorizar suas contribuições para a consolidação do setor.

Diante desse cenário, torna-se importante o incentivo a pesquisas que aprofundem a trajetória das mulheres na história do design de interiores no Brasil. Estudos acadêmicos e levantamentos historiográficos podem contribuir para identificar pioneiras da área, compreender os desafios enfrentados por diferentes gerações e analisar a evolução do reconhecimento profissional. Além disso, investigações que abordem fatores como raça, classe e região, podem apresentar novas perspectivas sobre desigualdades e oportunidades no setor. O desenvolvimento de pesquisas não só fortalece a memória coletiva da profissão, mas também promove a construção de um mercado mais inclusivo e representativo, incentivando políticas que valorizem a diversidade e ampliem o espaço das mulheres no design contemporâneo. Sob essa ótica, a alteridade se torna um princípio importante na análise dessas trajetórias, permitindo que a contribuição feminina no Brasil seja vista em sua pluralidade e complexidade. Assim, compreender a alteridade não apenas valoriza a participação feminina no setor, mas também impulsiona reflexões que podem transformar a estrutura da profissão no presente e no futuro.

Conclusões

Nos últimos anos, observa-se um aumento no número de pesquisas sobre a participação feminina no design, especialmente no que diz respeito ao resgate e documentação de sua atuação. Essa necessidade surge porque, ao longo da história, as contribuições das mulheres foram frequentemente negligenciadas e o campo do design não foi uma exceção. No entanto, fica evidente que elas desempenharam um papel importante no campo do design e merecem reconhecimento por suas realizações.

A pesquisa realizada para escrita deste artigo, buscou compreender a trajetória de mulheres decoradoras em diferentes contextos sociais e econômicos, analisando suas experiências sob a ótica da alteridade. Ao destacar suas diferenças e particularidades dentro da conjuntura histórica em que estavam inseridas, o estudo reforça a importância de reconhecer e registrar suas contribuições na transição do século XIX para o XX. Essa abordagem, por si só, representa um exercício de alteridade, ao situar essas profissionais em seu papel histórico e dar visibilidade às suas conquistas.

A análise dos três cenários apresentados, norte-americano, europeu e brasileiro, mostram as diferentes motivações que impulsionaram as mulheres a ingressarem no mercado da decoração de interiores. Entre elas, destacam-se o desejo de alcançar reconhecimento profissional, a necessidade de garantir independência financeira e a confiança na própria capacidade de atuar na área. Esses fatores desafiaram concepções patriarcais que historicamente limitaram o acesso das mulheres ao mercado de trabalho, demonstrando que elas sempre foram plenamente capazes de ocupar posições de destaque, administrar suas carreiras e suas finanças, sem depender da validação masculina.

Dessa forma, este estudo contribuiu para ampliar as investigações sobre a presença feminina no design, em especial no campo da decoração de interiores, ainda carente de análises aprofundadas. Ao abordar sua evolução no Brasil e sua posterior consolidação como Design de Ambientes e Design de Interiores, esta pesquisa buscou estabelecer um ponto de partida para novas discussões sobre o papel da mulher na história da profissão e seus diferentes nichos de atuação. Recomenda-se, portanto, a continuidade desses estudos voltados ao reconhecimento das primeiras decoradoras brasileiras tanto das pioneiras, quanto das atuais, promovendo sua inclusão na história do design.

Referências

ALENCAR, Larissa Albuquerque de; ALMEIDA, Marcelina das Graças. Protagonismo feminino no ensino superior de design no Brasil: um estudo em construção. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE DESIGN, 2020. **Anais** do Colóquio Internacional de Design, 2020. p. 1441-1454.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. São Paulo, Blucher, 2000.

CRESTO, Lindsay Jemima; FRANÇA, Maureen Schaefer. “Aqui não bordamos almofadas”: estereótipos de gênero na trajetória de mulheres na História do Design. **Estudos em Design**, v. 32, n. 2, 2024.

CAMPOS, Raphael Aguiar Leal; FERREIRA, Raquel Ribeiro Costa da Cunha; FERREIRA, Arthur Vianna. O conceito de alteridade segundo Emmanuel Lévinas. **Interfaces Científicas-Humanas e Sociais**, v. 12, n. 2, p. 412-425, 2024.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (org). **Dicionário crítico de gênero**; prefácio [de] Michelle Perrot. – 2. ed. – Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. 748 p.

DANTAS, Cristina. **Brasil porta adentro**: uma visão histórica do design de interiores. São Paulo: C4, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: Nascimento da Prisão. - 42ª edição, Editora Vozes 2014.

GARRETT, Miranda Felicity Caroline. **Professional Women Interior Decorators in Britain, 1871-1899**. 2018. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade das Artes de Londres, Londres, 2018.

LIMA, Rafael Leite Efrem. Designers mulheres na História do Design Gráfico: o problema da falta de representatividade profissional feminina nos registros bibliográficos. In: **Anais** do XXIX Simpósio Nacional de História. Julho/2017.

LIMONGI, Fernando; OLIVEIRA, Juliana de Souza; SCHMITT, Stefanie Tomé. Sufrágio universal, mas... só para homens. O voto feminino no Brasil. **Revista de Sociologia e Política**, v. 27, p. e003, 2020.

MARTIN, Brenda; SPARKE, Penny. **Women’s Places**: Architecture and Design 1860-1960. Londres: Routledge, Londres, 2003.

MELO, Arlen Maia de; SANTOS, Cris Érica Mendonça dos; KAMEYAMA, Fabiana Costa; SENA, Mayara Haydeé Lima; LIMA, Sara Coelho de; BATISTA, Marcos dos Reis. Da esfera pública à privada:

compreensões do espaço feminino na obra “A condição humana” de Hannah Arednt. **Asas da Palavra**, v. 14, n. 2, p. 49-55, 2017.

MONTERO, Paula. **Globalização, identidade e diferença**. Novos Estudos CEBRAP, n. 49, p. 47-64, 1997.

RAWSTHRON, Alice. Agnes and Rhoda Garrett. Maharam, 2016. Disponível em: https://www.maharam.com/stories/rawsthorn_agnes-and-rhoda-garrett. Acesso em: 19 mar. 2021.

REZENDE, Daniela Leandro. Patriarcado e formação do Brasil: uma leitura feminista de Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda. **Pensamento Plural**, n. 17, p. 7-27, 02 de nov. 2015.

ROHDEN, Fabíola. O corpo fazendo a diferença. **MANA**, v. 4, n. 2, p. 127-141, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/mana/v4n2/2415.pdf>. Acesso em: 19 Mar. 2021.

ROMANO, Raquel Bosso; NUNES, Valdirene Aparecida Vieira; MOURA, Mônica Cristina de. Protagonismo Feminino no Prêmio Design Museu da Casa Brasileira: análise dos anos 2017 a 2019. In: Colóquio Internacional de Design, 2020. **Anais do Colóquio Internacional de Design, 2020**. p. 1455-1467.

SÁ, Gabriela R. de; MAASS, Marisa Cobbe. Mulheres na História do design no Brasil. Mulheres na História do design no Brasil. **Anais do 9º Congresso Internacional de Design da Informação | CIDI 2019**.

SAFAR, Giselle Hissa; ALMEIDA, Marcelina das Graças. Protagonismo feminino no design - um resgate histórico em andamento. In: MORAES, Dijon de; DIAS, Maria Regina Álvares; Bom Conselho, Rosemary. **Cadernos de Estudos Avançados em Design: Design e História**. Barbacena: EdUEMG, 2014. p. 79-94.

SAFAR, Giselle Hissa; DIAS, Maria Regina Alvares Correia. Estudos de gênero e seu impacto na história do design. **Dimensões**, n. 36, 2016, p. 102-120.

SENE, Cleiton José; CARAMASCHI, Sandro. **Concepção de sexo e sexualidade no ocidente**: origem, história e atualidade. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 49, p. 166-189, jan./jun. 2017.

SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 8-15, Sept. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 Mar. 2021.

SILVA, Renan Antônio da; PIPINO, Marina Beatriz Ferreira; GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues; PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo. Feminismo e direito: uma abordagem crítica do patriarcado no direito. **Revista Acadêmica da Lusofonia**, v. 2, n. 6, p. 1-19, 2025.

SIMKIN, John. Women’s Suffrage: Agnes Garret. **Spartacus Educational**, set. de 1997. Disponível em: <https://spartacus-educational.com/WgarrettA.htm>. Acesso em: 19 de mar. 2021.

SPARKE, Penny; MARTIN, Brenda; KEEBLE, Trevor. **The modern period room**: The construction of the exhibited interior 1870–1950. Routledge, 2006.

STEPHAN, Auresnede Pires. As mulheres e o design no Brasil. Uma breve reflexão para o estudo da contribuição feminina no design brasileiro. In: ALMEIDA, Marcelina das Graças; REZENDE, Edson José Carpintero; SAFAR, Giselle Hissa; MENDONÇA, Roxane Sidney Resende. **Caderno atempo**. Barbacena: EdUEMG, v. 2, p. 109-115, 2015.

THE SPAB. Women in Conservation: House of Garrett. 10 mar. 2016. Disponível em: <https://thespab.wordpress.com/tag/rhoda-garrett/>. Acesso em: 18 mar. 2021.

YELLEN, Janet L. The history of women's work and wages and how it has created success for us all. **Brookings**, maio de 2020. Disponível em: <https://www.brookings.edu/essay/the-history-of-womens-work-and-wages-and-how-it-has-created-success-for-us-all>. Acesso em: 19 de mar. 2021.